

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE LETRAS E ARTES

INSTITUTO VILLA-LOBOS

LICENCIATURA EM MÚSICA

**UMA ADAPTAÇÃO PEDAGÓGICA PARA ALUNOS CANHOTOS DE VIOLÃO: UM
ESTUDO PRELIMINAR**

ESTER MARACAHENSE DA SILVEIRA DOS SANTOS CAVALCANTE

RIO DE JANEIRO

2021

ESTER MARACAHENSE DA SILVEIRA DOS SANTOS CAVALCANTE

Uma adaptação pedagógica para alunos canhotos de violão: um estudo preliminar

Trabalho de Conclusão do Curso de
Licenciatura em Música do Instituto Villa-
Lobos do Centro de Letras e Artes da UNIRIO,
sob a orientação do Prof. Dr. Marcelo Carneiro
de Lima.

RIO DE JANEIRO

2021

C376 Cavalcante, Ester Maracahense da Silveira dos Santos
Uma adaptação pedagógica para alunos canhotos de violão: um estudo preliminar / Ester Maracahense da Silveira dos Santos Cavalcante. -- Rio de Janeiro, 2021.
40 f.

Orientador: Marcelo Carneiro De Lima.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro,
Graduação em Música - Licenciatura, 2021.

1. Pedagogia da música . 2. Lateralidade. 3. Canhotismo. 4. Violonistas canhotos. 5. Estudantes canhotos de violão . I. De Lima, Marcelo Carneiro, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Centro de Letras e Artes - CLA Instituto Villa-Lobos - IVL
Curso de Licenciatura em Música

**"UMA ADAPTAÇÃO PEDAGÓGICA PARA ALUNOS CANHOTOS DE VIOLÃO: UM ESTUDO
PRELIMINAR"**

por

Ester Maracahense da Silveira dos Santos Cavalcante

BANCA EXAMINADORA

Marcelo Carneiro de Lima (orientador)

Mônica de Almeida Duarte

Mônica de Almeida Duarte

Thiago G Trajano

Thiago Gracindo Trajano

Nota: 9,0 (NOVE)

MARÇO DE 2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço,

À minha mãe, Laurinda, pelo incentivo, por acreditar em mim e por me permitir seguir o caminho que sempre quis sem questionar minhas escolhas.

Ao meu pai, Julio Cesar, por ter sido fundamental para influenciar minha preferência musical e por ter comprado meu primeiro violão como forma de estímulo.

À minha irmã, Ingrid, por todo amor, paciência e por tomar conta de mim como se fosse minha segunda mãe, só que me dando menos bronca.

À minha amiga e irmã de claves, Ilana Monteiro, que compartilhou comigo as primeiras notas musicais e seguimos dividindo essa paixão.

Ao Daniel, marido da minha irmã e aos pais da minha amiga Ilana, Cléa e Mário Lúcio, por me levarem de carro pra cima e pra baixo para eu fazer shows nos lugares mais *underground* do Rio de Janeiro para tocar o bom e velho rock and roll.

À Aline Aquino por toda paciência e zelo ao me ensinar interpretação de acordes no violão sem interferir na forma como eu tocava.

A todos os professores de música que tive por compartilharem seus conhecimentos e me inspirarem em mergulhar cada vez mais nesse universo transcendental que a música pertence.

A todos os amigos que fiz na Unirio e a todos os amigos que a arte me deu.

Ao Eduardo Torres pela irmandade, por confiar em minhas capacidades nos momentos em que desacreditei e por fazer com que eu considerasse a importância de levar adiante o tema dessa monografia, me orientando nos primeiros passos.

À Amanda Jacometi pelo colo, ombro, catarses e tempestades solares. Eternamente grata por não me deixar desistir e por seguir ao meu lado para melhoria incontestável desse trabalho. Amanda foi fundamental na fase final deste trabalho, tendo me apresentado a uma importante referência bibliográfica que foi de grande importância para o estabelecimento do texto.

Ao meu orientador, Marcelo Carneiro, por todo compromisso e dedicação nessa jornada tornando tudo mais possível. Tive a certeza que foi minha melhor escolha.

E ao maior presente que a Unirio me deu. Minha companheira de vida, risadas e conquistas, Roberta Correa. Obrigada pela parceria nessa estrada labiríntica que é a vida e por me ensinar a deixar o melhor para o final.

CAVALCANTE, Ester. *Uma adaptação pedagógica para alunos canhotos de violão: um estudo preliminar*, 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) - Instituto Villa-Lobos, Centro de Letra e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

RESUMO

Este é um estudo preliminar que aborda a importância de uma adaptação pedagógica para alunos canhotos de violão com a finalidade de averiguar se o desconhecimento da importância da dominância lateral por parte dos educadores de violão pode afetar no desenvolvimento e aprendizado do instrumento para um estudante canhoto. Como metodologia, fizemos um levantamento bibliográfico sobre lateralidade, uma pesquisa de campo, e produzimos um questionário enviado aos estudantes canhotos de violão que cursam o Instituto Villa-Lobos da UNIRIO. Foi possível constatar por meio das análises qualitativas as dificuldades enfrentadas pelos estudantes que têm predominância lateral esquerda devido à ausência de uma pedagogia que a leve em consideração, bem como a precária infraestrutura disponibilizada aos alunos canhotos nas aulas e/ou cursos de violão.

Palavras-chave: pedagogia da música, lateralidade, música, canhotismo, violonistas, estudantes.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
Canhotismo e a Violência Simbólica	12
CAPÍTULO 1 – LATERALIDADE	15
1.1 - Canhotismo	17
CAPÍTULO 2 – DIFICULDADES E PRECONCEITOS ENFRENTADOS POR CANHOTOS	20
2.1 - Pesquisa nas lojas de instrumentos musicais	23
2.1.1 - Perguntas feitas nas lojas de instrumentos musicais.....	24
CAPÍTULO 3 – PESQUISA COM ESTUDANTES CANHOTOS DE VIOLÃO	27
3.1 - Perguntas do questionário	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	34
ANEXOS	36

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Figura 1 - Posição do violão para destros e canhotos	11
Figura 2 - Elizabeth Cotten tocando violão de destro (...)	12
Figura 3 - Dicionário de acordes do site Cifra Club.....	22
Figura 4 - Dicionário de acordes do site Cifra Club (2).....	23
Figura 5 - Pergunta 1- Distribuição das Respostas.....	27
Figura 6- Pergunta 2- Distribuição das Respostas.....	28
Figura 7 - Pergunta 3- Distribuição das Respostas.....	29
Figura 8 - Pergunta 4- Distribuição das Respostas.....	29
Figura 9 - Pergunta 5- Distribuição das Respostas.....	30
Figura 10 - Pergunta 6- Distribuição das Respostas.....	30
Figura 11 - Pergunta 7- Distribuição das Respostas.....	31
Tabela 1- Diferenças das funções dos hemisférios cerebrais.....	15
Tabela 2- Disponibilidades de modelos de violão elétrico (...)	24
Tabela 3- Comparativo de valores dos violões p/ destro e canhoto.....	25
Tabela 4 - Quantidade de guitarras para canhotos disponíveis (...)	25
Tabela 5 - Comparativo de valores dos mesmos model. de guitarras (...)	26

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um estudo preliminar que aborda a importância de uma adaptação pedagógica para alunos canhotos de violão. Trata-se de uma primeira análise com a finalidade de averiguar se o desconhecimento da importância da dominância lateral por parte dos educadores de violão pode afetar no desenvolvimento e aprendizado do instrumento para um estudante canhoto. Foi realizado um levantamento bibliográfico, uma entrevista com alunos do Instituto Villa-Lobos, Unirio, e uma pesquisa de campo nas lojas de instrumentos musicais do Centro da Cidade do Rio de Janeiro. Estes dados foram então cruzados para a realização da nossa análise.

O que me motivou inicialmente à realização deste trabalho foi a minha própria experiência de aprendizado, visto que durante meu processo de iniciação dos estudos musicais de forma autodidata, tive dificuldade de ler o diagrama de acordes para violão. Por ser canhota, estes diagramas pareciam-me invertidos, e conseqüentemente, os acordes produzidos, como vim a perceber mais tarde, não correspondiam aos das músicas. O som nada familiar quase me levou à desistência, mas com o decorrer do tempo pude constatar que parte da dificuldade enfrentada se baseava no fato de que na época tinha apenas acesso a métodos de violão orientados para violonistas destros. A partir da minha vivência como professora de música, observei que realmente há uma escassez de material didático, pedagogia representativa e instrumentos ergonomicamente estruturados para violonistas canhotos.

É comum encontrar canhotos que tocam violão como destros, isto é, posicionando a mão direita entre cavalete e boca para pinçar as cordas, executando levadas rítmicas e dedilhados, por exemplo, e a mão esquerda para pressionar as cordas, produzindo acordes e escalas. Há indícios de que esta situação se dá logo no início de seus estudos, sendo que a grande parte destes estudantes são levados por seus professores, formais ou informais, a tocarem com o braço do instrumento virado para a esquerda. Assim, partindo desta *tabula rasa*, não conseguimos distinguir se o estudante é canhoto ou destro. Outra maneira de tocar é invertendo o violão, isto é, o braço do instrumento virado para a direita. Refaz-se o encordoamento para manter as primas embaixo e os bordões em cima, como podemos ver na figura abaixo:



Figura 1: Posições do violão para destros e canhotos.

No meio musical, diversos violonistas e guitarristas canhotos aprenderam a tocar como destros. Mark Knopfler, por exemplo, guitarrista e vocalista da banda de rock britânica Dire Straits, fundada no final dos anos 70, aprendeu a tocar guitarra desta forma. No Brasil, o guitarrista Kiko Loureiro, um dos fundadores da banda de power metal brasileira Angra e atual guitarrista da banda de thrash metal Megadeth, em entrevista ao canal online de notícias Whiplash (2018)¹, declarou que aprendeu a tocar violão como destro porque o seu professor disse que não seria possível aprender como canhoto. Como em sua casa, Loureiro e sua irmã dividiam um mesmo instrumento, foi mantido o encordoamento para destro.

No trecho destacado a seguir, podemos observar que o músico considera vantajoso aprender a tocar como destro ao invés de tocar como canhoto. Dentre os possíveis motivos para essa afirmação estão as facilidades mercadológicas em encontrar mais variedades de instrumentos para destros e a falta de material didático voltado para esse público.

Eu era apenas um garoto tentando jogar basquete - eu amava basquete. Minha irmã tinha um professor de violão e estava aprendendo os primeiros acordes. De repente, ela se entediou e minha mãe, que pagou pelo violão, sugeriu que eu aprendesse. Eu, canhoto, peguei o violão invertido e o cara [o professor] disse: 'isso não é possível'. Aprendi como um destro e aqui estamos. Foi bom para mim (LOUREIRO *apud* MIRANDA, 2018, *op. cit.*).

Na *cena* do violão podemos destacar o violonista brasileiro Baden Powell, compositor de obras importantes da MPB como o álbum *Os Afrosambas* (1966) ao lado de Vinicius de Moraes. Powell era canhoto, mas tocava o seu instrumento como destro. Entretanto, como já

¹ MIRANDA, Igor: Kiko Loureiro: porque ele toca guitarra de destro mesmo sendo canhoto. Whiplash.net, 2018, Disponível em: https://whiplash.net/materias/news_760/294296-kikoloureiro.html?fbclid=IwAR237-0uCrmVeXkrae-exC6H_PfEgHOBYGk-bjSvPCA2HMBiJYp_VobsOK8. Consultado em 06/01/2021.

mencionado acima, também existem músicos conhecidos que, respeitando as suas lateralidades, tocam como canhotos: Paul McCartney da banda The Beatles, Tony Iommi da banda Black Sabbath, o guitarrista Kurt Cobain da banda Nirvana e o guitarrista Jimi Hendrix.

Apesar das duas maneiras de tocar violão ou guitarra apresentadas acima serem as mais comuns, encontramos outra possibilidade da qual um canhoto pode fazer uso: o violão de destro invertido². Dessa maneira, as cordas primas, originalmente embaixo, ficam em cima e os bordões, por sua vez, ficam embaixo. Isto faz com que seja necessário inverter a posição dos acordes, a digitação das escalas e a articulação da mão esquerda. O violonista Américo Jacomino, conhecido popularmente como Canhoto, o guitarrista Edgard Scandurra da banda brasileira Ira!, o violonista Canhoto da Paraíba, a guitarrista e violonista Érica Silva da banda brasileira Mulamba e a violonista de Blues Elizabeth Cotten, são exemplos de músicos que aprenderam o instrumento dessa forma. Esta maneira de tocar foi batizada de “Cotten picking” em homenagem àquela musicista.



Figura 2. Elizabeth Cotten tocando violão de destro invertendo o lado do instrumento sem inverter as cordas.

Canhotismo e a Violência Simbólica

Embora não existam estudos conclusivos acerca do percentual de canhotos no mundo, há uma perspectiva de que este grupo represente entre 10% e 15% da população mundial (RANGEL, 2015). A imprecisão dos dados acima deve-se, possivelmente, aos estímulos sociais que privilegiam os destros, submetendo assim muitos canhotos a explorarem e se adaptarem mais ao lado direito do corpo.

Segundo Rangel et al (2015):

² Braço do instrumento virado para a esquerda (violão de destro) ou para a direita (violão de canhoto) mantendo o padrão original de encordoamento: primas embaixo e bordões em cima.

(...) As instituições de ensino também têm dificuldades em lidar com a diversidade nas salas de aula. Afinal, é mais fácil adotar uma única prática pedagógica para uma turma inteira do que buscar alternativas para necessidades educativas individuais. Neste contexto, quaisquer pessoas que não se enquadrem no estereótipo definido para pessoas “comuns ou normais” estão sujeitas a sofrerem algum tipo de preconceito. (RANGEL et al., 2015, p. 7).

No âmbito das estruturas das escolas, muitos canhotos enfrentam dificuldades com objetos pensados majoritariamente para destros, como a carteira escolar, a tesoura, o compasso, o caderno de espiral, o mouse, entre outros. Segundo Gomes et al (2010) os objetos que mais causam desconforto são as carteiras escolares para destros que, por falta de apoio para o braço esquerdo, provocam dores em algumas partes do corpo tais como pulso e coluna, e as tesouras que quando manuseadas ao contrário acabam tendo reduzida a precisão do corte. Os autores ainda acrescentam que são poucos canhotos que percebem os obstáculos que enfrentam por viverem num mundo projetado para destros. Por outro lado, Costa (2014) menciona em sua pesquisa que os canhotos percebem as dificuldades que enfrentam no dia a dia, porém esses obstáculos não são vivenciados negativamente.

O filósofo e sociólogo francês Pierre Bourdieu, em seu *A dominação masculina*, utiliza o conceito de “violência simbólica” (2019) para descrever violências que estão em nossa estrutura social e que são naturalizadas. Bourdieu (2019) chama atenção para o que denomina o “paradoxo da dóxa” que é uma espécie de manutenção dessa “violência simbólica” tanto por quem a aplica quanto por quem a sofre.

Usando como exemplo a entrevista do guitarrista Kiko Loureiro citada acima podemos perceber dois vetores de violência: o professor que impediu Kiko de tocar como canhoto e o próprio guitarrista afirmando que ter aprendido como destro foi melhor para ele. Para Bourdieu (2019), essa violência é tão imposta e vivenciada, que acaba gerando uma espécie de “submissão paradoxal”, invisível às suas próprias vítimas, já que muitas vezes não sabemos como essas violências ocorrem (BOURDIEU, 2019, p.11). Ensinar canhotos a tocar violão da mesma forma que aprendem os destros já está tão naturalizado que não é percebido como “violência”.

É importante mencionar que apesar dessa “violência simbólica”, durante os últimos anos se tem prestado mais atenção para às necessidades dessa minoria de estudantes, principalmente no que diz respeito ao âmbito escolar. A lei N° 7.945/18 de 26 de abril de 2018, impõe a obrigatoriedade de disponibilizar ao menos 10% de carteiras escolares para canhotos, de acordo com o número de matriculados em cada estabelecimento público de ensino.

No âmbito específico do ensino de música, por sua vez, há uma grande lacuna de pesquisas sobre o canhotismo. Acredita-se que entender a relação que existe entre o estudante canhoto e o violão pode contribuir para uma maior visibilidade das questões da lateralidade de cada indivíduo. No entanto, é possível notar que no dia a dia da sala de aula do ensino de instrumento, pouca atenção é dada à esta questão.

Este trabalho é o resultado de observações sobre os possíveis efeitos no aprendizado de violão dos alunos canhotos, que além de serem obstinadamente submetidos a uma pedagogia voltada para pessoas destros, também enfrentam dificuldades de acesso a instrumentos ergonomicamente desenvolvidos para suas especificidades. O objetivo é apontar as possíveis implicações relacionadas ao aprendizado de violão de pessoas canhotos, visando compreender até que ponto esse fator interfere na relação entre o violonista e o seu instrumento. Desta forma almejamos estimular o engajamento dos profissionais de ensino no que tange à formulação de propostas para a solução dos possíveis problemas relacionados ao ensino de violão para canhotos. A hipótese central é que a falta de ferramentas pedagógicas próprias (métodos, tratados, livros base, etc) e de instrumentos adequados acaba dificultando o aprendizado destes alunos.

A metodologia adotada para este trabalho considerou: a) revisão de literatura de artigos acadêmico que abordem a questão da lateralidade; b) pesquisa de campo em que foram registradas as diferenças de preços e disponibilidade de instrumentos para canhotos em algumas lojas do centro da cidade do Rio de Janeiro; c) a elaboração de uma entrevista estruturada com alunos canhotos de violão do curso de música do Instituto Villa-Lobos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Do ponto de vista formal, este trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro abordaremos diversos conceitos sobre *lateralidade* para compreendermos sua importância no que tange o aprendizado do indivíduo, destacando para o canhotismo. No segundo, vamos abordar as dificuldades e os preconceitos enfrentados por essa minoria nas escolas, na história, sociedade, na gramática e na música, além da análise de uma pesquisa exploratória feita em lojas de instrumentos musicais no Rio de Janeiro. No terceiro e último capítulo, analisaremos as perguntas recolhidas no questionário realizado e aplicado aos alunos canhotos de violão da Unirio.

CAPÍTULO II LATERALIDADE

Pressupomos que o estudo da importância da lateralidade pode auxiliar no desenvolvimento de uma pedagogia para alunos canhotos de violão. A questão da má-lateralidade, tal como apontam Freitas e Salgado (2015), é um fator que pode prejudicar o aprendizado do instrumento. Através da neurociência podemos compreender melhor como é dividido o cérebro humano com relação às suas funções. Sabe-se que ele é composto por dois hemisférios, o esquerdo e o direito, e que são orientados de forma invertida. O hemisfério esquerdo é responsável por comandar o lado direito do corpo e o hemisfério direito, por sua vez, é responsável por comandar o lado esquerdo do corpo. Ainda que atuem em conjunto, cada um tem suas funções essenciais, como veremos na tabela a seguir.

Tabela 1: Diferença das funções dos hemisférios cerebrais (ROTTA, OHLWEILER, RIESGO *apud* COSTA, 2014, p. 23)

HEMISFÉRIO ESQUERDO Funções Específicas	HEMISFÉRIO DIREITO Funções Globais
Cálculos matemáticos	Prosódia
Fala	Reconhecimento de categorias de pessoas
Escrita	Reconhecimento de categorias de objetos
Leitura	Compreensão musical
Preferências motoras lateralizadas	Compreensão prosódica
Identificação de pessoas	Relações espaciais quantitativas
Identificação de objetos e animais	-
Compreensão linguística	-
Relações especiais qualitativas	-

Fonte: Rotta, Ohlweiler e Riesgo, 2006, p. 37

Com relação às habilidades musicais, podemos observar na tabela 1 que a percepção musical é localizada no hemisfério direito do cérebro. Entretanto, segundo Ilari (2003), para aprendermos música, utilizamos ambos os hemisférios. Esse fato se explica já que a memória, análise, linguagem verbal, dentre outras funções, são encontradas tanto no hemisfério esquerdo

quanto no hemisfério direito. Desta forma, a autora aponta qual seria a diferença entre o cérebro do músico e do não músico:

Enquanto o não músico processa informação musical primordialmente no hemisfério direito do cérebro, o músico treinado processa informação musical nos dois hemisférios, e apresenta uma quantidade maior de conexões entre os hemisférios durante as atividades de escuta musical, o que indica uma escuta analítica. (ILARI, 2003, p. 9).

Mesmo que os seres humanos utilizem, geralmente, os dois hemisférios, existe uma pré-disposição preferencial por um dos lados do corpo: chama-se esse conceito de Lateralidade. Entretanto encontra-se uma variedade de definições no meio acadêmico do que é Lateralidade e sua importância. Serafin et al. (2000) mencionam diversos autores que a definem. Um deles é Holle (1979), que considera que a lateralidade é a preferência do uso de uma mão em relação à outra. O autor leva em consideração o favoritismo dos membros inferiores e os órgãos responsáveis pelos sentidos de visão e audição que, segundo ele, definem de forma natural sua dominância lateral ao longo do crescimento do indivíduo.

A lateralidade é uma bagagem inata correspondendo à dados neurológicos. Porém, podendo ser uma dominância espacial adquirida, de acordo com as experiências vividas ou por influência de certos hábitos. Por isso a importância da criança não ser forçada a adotar esta ou aquela postura. Deve-se dar oportunidades com espontaneidade, pois a partir das experiências vivenciadas como o corpo, a criança define o seu lado dominante sem pressões de qualquer ordem do meio exterior. (HOLLE *apud* SERAFIN, 2000, p. 13).

Ainda dentro da pesquisa de Serafin et al (2000), outros autores como Negrine, ressaltam a importância da lateralidade como um dos fatores fundamentais para o desenvolvimento das crianças. Mediavilla, por exemplo, afirma que a dominância lateral é o predomínio de um lado do corpo em relação ao outro, tendo como eixo a coluna vertebral. Já Fonseca afirma que ter uma destalidade ou um canhotismo bem definido depende principalmente de fatores culturais, hereditários, experiências corporais e desenvolvimento afetivo.

Costa (2014) define alguns tipos de lateralidade:

- **Lateralidade contrariada:** quando há uma intervenção na inclinação natural da lateralidade. Como por exemplo, uma pessoa canhota que é obrigada na escola a escrever como destra.

- **Lateralidade Integral ou Homogênea:** quando um lado do corpo domina totalmente o lado oposto. Seria o caso de uma pessoa ser completamente canhota ou completamente destra.
- **Lateralidade não integral:** quando a pessoa demonstra habilidade como canhota e como destra.
- **Lateralidade cruzada:** acontece quando se mistura a lateralidade nos membros inferiores e superiores. Como por exemplo o indivíduo que escreve com a direita e chuta com a esquerda.
- **Lateralidade mista:** ocorre quando se usa mãos diferentes para atividades diferentes. Como por exemplo o indivíduo que escreve com a direita e come como o garfo na mão esquerda.

Já para Coste (1978, *apud* Serafin et al., 2000) a lateralidade é dividida em quatro tipos:

1. **Destralidade verdadeira** - indivíduo totalmente destro.
2. **Sinistralidade verdadeira** - indivíduo totalmente canhoto.
3. **Falsa destralidade** - Executa algumas atividades com algum membro direito porque perdeu a mobilidade esquerda.
4. **Falsa sinistralidade** - Devido a acidentes, o indivíduo pratica algumas atividades com algum membro esquerdo do corpo.

Concordamos com Neto et al (2013) ao afirmar a relevância da lateralidade no que diz respeito ao aprendizado, por ser ela uma das variáveis do desenvolvimento psicomotor e estar envolvida em todos os níveis do processo de aprendizado. Visto a importância da lateralidade na fase escolar, pressupomos que não podemos ignorá-la no processo inicial de ensino do violão.

1.1 Canhotismo

Alguns autores debatem as possíveis razões para o canhotismo. De acordo com Costa (2014), existem duas grandes explicações para esse fator, sendo que “uma delas entende que a lateralidade é essencialmente biológica e outra atribui esse aspecto à interação do organismo com o ambiente” (COSTA, p. 13). Já Rangel et al (2015) acrescentam a questão da hereditariedade como uma outra possível causa para o canhotismo, afirmando que “não há ainda um consenso entre os cientistas sobre a causa do canhotismo”. Entre as possíveis razões, está a questão do alto nível de testosterona no organismo de algumas gestantes (RANGEL et al., p. 8), sendo esse um dos possíveis motivos para o número de canhotos ser aproximadamente o

dobro entre homens do que mulheres, conforme referenciado por Rangel em trabalho de autoria de Sissi Aparecida Martins Pereira publicado em 2014 (*Ibid, idem*).

Os autores ressaltam como pesquisas artificiais podem gerar preconceitos em relação aos canhotos. “Canhotos têm mais problemas emocionais e comportamentais, têm mais dificuldades de aprendizagem, como a dislexia, completam menor escolaridade e trabalham em ocupações que exigem menos habilidade cognitiva” (GOODMAN *apud* RANGEL et al., 2015, p. 194). Os autores acrescentam que alguns estudos tratam supostas dificuldades na gestação ou no parto como uma possível causa do canhotismo. Neste caso o indivíduo canhoto apresentaria uma lesão no hemisfério esquerdo do cérebro.

Evidências sobre específicos fatores que afetam a lateralidade vêm em grande parte de estudos que entendem o canhotismo como uma patologia, que se refere à teoria de que o estresse durante a gestação ou nascimento pode induzir funções hemisféricas, normalmente esquerdas, para deslocar para o hemisfério direito. (RANGEL et al. *apud* GOODMAN, 2015, p. 196).

Embora esses sejam textos científicos, sabe-se que a utilização da ciência para reforçar preconceitos foi, durante muito tempo, uma prática comum (RANGEL et al, 2015). Um exemplo disso é a teoria do darwinismo social, onde usa-se uma adaptação da teoria da evolução de Darwin para fortalecer ideologias de superioridade racial. Em sua pesquisa, Bolsanello (1996) define darwinismo social como “aplicação das leis da teoria da seleção natural de Darwin na vida e na sociedade humana. [...] O darwinismo social considera que os seres humanos são, por natureza, desiguais, ou seja, dotados de diversas aptidões inatas, algumas superiores, outras inferiores.” (BOLSANELLO, 1996, p. 153).

Tal argumento pode ser observado também no racismo científico, que salienta “uma hierarquia de raças (onde negros e índios são considerados menos aptos) e classificando os seres humanos em intelectualmente superiores e intelectualmente inferiores.” (BLANC *apud* BOLSANELLO, 1996, p. 155). Com isso, fica claro que julgar o desenvolvimento das habilidades de uma pessoa a partir de sua lateralidade é um equívoco que pode influenciar negativamente a sociedade, agravando um cenário de preconceito com indivíduos canhotos.

Tais afirmações reforçam o conceito de violência simbólica (BOURDIEU, 2019) descrita no começo deste trabalho: violências tão naturalizadas que recebem argumentações “científicas”. As consequências dessas naturalizações são refletidas no pouco investimento em objetos para canhotos em uma tentativa de homogeneização social.

A sociedade tem apreço pela homogeneização. Para a indústria cultural, por exemplo, é interessante que as pessoas tenham gostos e atitudes iguais. Dessa

forma, fica mais facilitada e rentável a fabricação, em massa, de produtos. (RANGEL et al., 2015, p. 7).

CAPÍTULO III

DIFICULDADES E PRECONCEITOS ENFRENTADOS PELOS CANHOTOS

Há indícios de que o canhoto enfrenta preconceitos que atravessam diferentes gerações e regiões geográficas. Na Idade Média, período histórico marcado pelo domínio da igreja na sociedade, ser canhoto representava o mal, como se, quem o fosse, não acreditasse em Deus ou agisse de forma contrária a ele.

Segundo COSTA (2014):

A mão esquerda era associada à feitiçaria, tanto que pessoas chegaram a ser queimadas por isso. Na era medieval, o diabo era representado com a mão esquerda estendida. Alguns afirmam que tudo isso começou com Adão e Eva. O lado direito representando a primeira fase da criação: Adão, o homem, consciente, ativo. O lado esquerdo, a segunda fase: Eva, meramente mulher, aquela que não resiste à tentação do mal. No Alcorão e na Bíblia, os favoritos de Deus sentavam-se à sua direita e os malditos à esquerda. A Igreja Católica sustentou por mais de mil anos que os canhotos eram obras do diabo; pode-se destacar, por exemplo, que Jesus Cristo “ressuscitou dos mortos, subiu aos céus e está sentado à mão direita de Deus”, no Credo. (COSTA, 2014, p. 19).

Essas discriminações também permeiam as línguas. Em diversos idiomas a palavra canhoto tem conotação pejorativa, tais como sinistro, diabo, profano, sombrio, amaldiçoado, inexperiente, desajeitado, entre outros. Em inglês, a palavra *right*, traduzida literalmente, significa ‘certo’ e também é usada para descrever as pessoas destros. No próprio português, destreza tem a ver com habilidade e desenvoltura, enquanto canhoto significa desastrado, inábil³. Podemos notar o preconceito presente na linguagem quando até este momento fazemos o uso do sufixo -ismo para canhotismo e -(i)dade para destralidade.

Segundo Araújo (2012) em seu estudo sobre os sufixos *ismo* e *(i)dade* no âmbito dos termos *homossexualismo* e *homossexualidade*⁴, “o sufixo -ismo estava conferindo ao vocabulário um caráter de estado patológico, um distúrbio de personalidade, enquanto que o -(i)dade torna o termo neutro, despido de preconceitos.” (SOUSA *apud* ARAÚJO, 2012, p. 29).

No cotidiano, usamos as expressões “acordei com o pé esquerdo” quando nos referimos a um dia ruim e “acordei com o pé direito” quando estamos com sorte. Quando dizemos que alguém é de nossa confiança, usamos a expressão “braço direito”. Algumas pessoas interpretam

³ ESQUERDO: que habitualmente se serve da mão esquerda em lugar da direita. Desastrado, inábil. In: Dicio - Dicionário Online de Português, 7Graus. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/canhoto/>> Acesso em: 16 jan. 2021.

⁴ Araújo (2012) reflete a respeito dos diversos usos e aplicações dos sufixos *-ismo* e *-(i)dade*, desde sua origem na língua grega e suas adaptações no português moderno. Em nosso trabalho não cabe um aprofundamento deste assunto.

o aperto de mão com a esquerda como um gesto de falsidade. Na música é corriqueiro para um canhoto que toca violão como destro, ouvir que ele aprendeu a tocar o instrumento da forma “normal”, assim como o canhoto que toca violão como canhoto ouve com certa frequência que ele toca “errado”.

É comum também conhecermos algum canhoto que, na fase escolar, foi estimulado ou até mesmo forçado por professores ou familiares a escrever com a mão direita. Para RANGEL et al (2015) essa prática pode formar pessoas com dificuldades cognitivas, introvertidas e inseguras quando afirmam, por exemplo, que “forçar um canhoto a escrever com a mão direita pode causar sérios danos ao desenvolvimento do indivíduo” (p. 11). Um caso intrigante é o do músico Maicol Freitas, relatado em seu artigo escrito conjuntamente com Salgado (2015) em que descreve sua experiência de aprender a tocar violão como destro. Maicol é canhoto, mas desde então tocou regularmente como se não o fosse. No entanto, devido a um acidente, precisou reaprender a tocar o instrumento, só que dessa vez como canhoto. Ao iniciar os estudos de violão com 15 anos de idade, Freitas relata a falta de preocupação do professor em relação à sua lateralidade e como isso influenciou diretamente o seu aprendizado do instrumento. Este aprendizado acarretou em dificuldades quando Freitas resolveu migrar para a guitarra-elétrica, tais como a forma de segurar a palheta com a mão direita e nas técnicas de palhetada. O problema se intensificou quando ele teve suas dificuldades associadas por outros guitarristas à falta de dedicação e estudo do instrumento. A falta de dedicação aos estudos foi uma das respostas dadas por um colunista de uma revista especializada a um de seus leitores que passava por situações semelhantes às suas.

Ao ler isso, entendi que as dificuldades que enfrentava poderiam ser sanadas com uma carga cada vez maior de estudo. Foram 6 anos de intenso estudo, convivendo com problemas como: segurar a palheta na mão direita, palhetar as notas de uma escala ou um acorde, fazer qualquer movimento rítmico. Fiz várias mudanças na forma de palhetar, tentando imitar o movimento dos guitarristas que conhecia em busca de uma forma ideal, que me possibilitasse um movimento confortável. (FREITAS; SALGADO, 2015, p.6).

Por conta do acidente que sofreu em agosto de 2013, Freitas inverteu a posição da guitarra e das cordas e passou a tocar como canhoto, com a palheta na mão esquerda. Com isso concluiu que sua palhetada ficou notavelmente mais fluida. Através do seu relato, fortalecemos nossa hipótese de que é preciso dar mais importância à lateralidade de cada indivíduo no ensino da música, pois quando ignorada pode tornar-se prejudicial ao aprendizado de um instrumento.

Outra dificuldade apontada com relação ao meio musical é a dificuldade de se conseguir instrumentos adaptados ao músico canhoto. Uma situação corriqueira é o músico estar em um

ambiente social - uma *gig*, uma festa, um ensaio de última hora - e precisar pegar emprestado o instrumento de um ou uma colega. Raro os casos em que alguém tenha um instrumento adaptado para músicos canhotos para oferecer. O contrário nem sempre é assim: geralmente na casa de um músico ou musicista canhota é bem provável que haja um instrumento extra para destros. Uma musicista canhota tem sempre a necessidade de levar o seu próprio instrumento para todos os lugares: shows, provas e, principalmente, salas de aula. Em um cenário no qual o/a educador/a precise se deslocar de um ponto a outro da cidade para poder trabalhar, fazendo uso de mais de um meio de transporte público, o traslado com o instrumento pode ser um transtorno. A remota probabilidade de alguém ter um violão de canhoto disponível, mesmo no âmbito de uma escola de música, faz com que muitos músicos acabem perdendo oportunidades de se apresentarem, de trabalharem em variados lugares ou simplesmente de tocarem o seu instrumento por diversão.

No entanto, a situação tem melhorado, e mais pessoas têm se preocupado com o assunto. Atualmente há inclusive alguns sites na internet que disponibilizam conteúdo relacionado à música, tal como o *Cifra Club*⁵. Estes já oferecem a opção de diagramas de acordes para um estudante canhoto interpretar, tal como mostram as figuras 2 e 3.

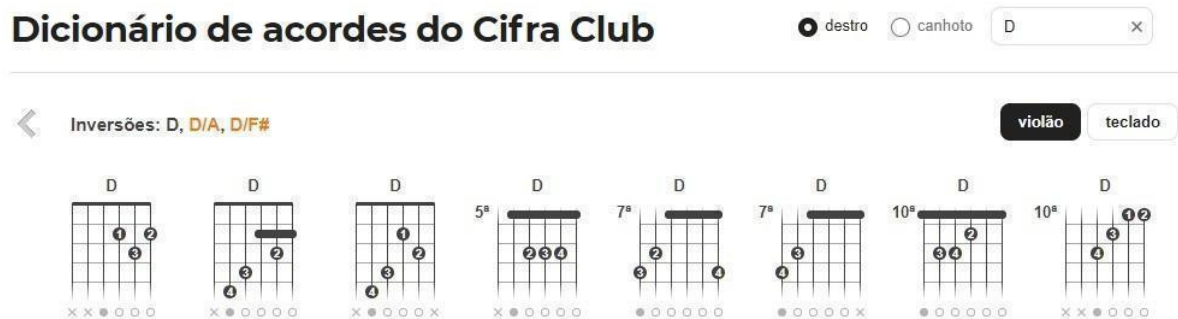


Figura 3: Dicionário de acordes do site Cifra Club mostra como um estudante destro pode tocar o acorde de D (Ré maior) no instrumento.

⁵ <https://www.cifraclub.com.br/>

Dicionário de acordes do Cifra Club

destro canhoto

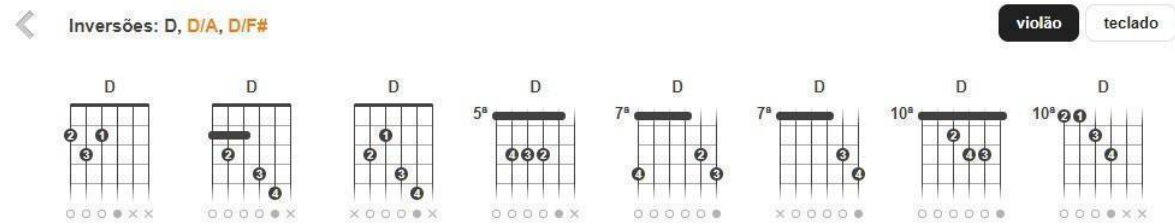


Figura 4: Dicionário de acordes do site Cifra Club mostra como um estudante canhoto pode tocar o acorde de D (Ré maior) no instrumento.⁶

Constatar estes avanços nos impela a buscarmos outros e visando dirimir antigas práticas que ainda permeiam e atrapalham a vida dos músicos e musicistas e das estudantes de violão. Nesse sentido, fomos verificar a amplitude dos referidos avanços visando apontar para os problemas que ainda persistem e propor uma abordagem pedagógica, e mesmo social, mais integradora.

2.1 Pesquisa nas lojas de instrumentos musicais

Ainda hoje comprar um instrumento de canhoto pode não ser uma tarefa fácil. Fizemos uma pesquisa exploratória no dia 27 de setembro de 2019 na rua da Carioca, localizada no centro da cidade do Rio de Janeiro, muito conhecida pela concentração de lojas de instrumentos musicais. O objetivo da pesquisa foi verificar se há ou não escassez de instrumentos para canhotos, dando prioridade ao violão e à guitarra-elétrica, fazendo uma comparação entre os modelos e os preços de instrumentos para canhotos e para destros, identificando assim as possíveis dificuldades enfrentadas por músicos canhotos ao escolherem e comprarem os seus instrumentos.

Ao todo entrevistamos vendedores em 6 lojas diferentes. Os das duas primeiras lojas, ao saberem que se tratava de uma pesquisa para faculdade, demonstraram insatisfação ao responder. Para não correr o risco de reação semelhante, mudamos nossa abordagem nas demais lojas visitadas e dissemos que se tratava de uma pesquisa de preços para aquisição de instrumentos musicais para uma nova escola de música. Com isso os vendedores passaram a ser mais cordiais e detalhistas a respeito dos dados fornecidos.

⁶ Cifra Club. Disponível em: <<https://www.cifraclub.com.br/dicionario.acordes>>. Acesso em: 16 jan. 2021.

2.1.1 Perguntas feitas nas lojas de instrumentos musicais

Quando questionados se a loja possuía algum violão para canhoto, todas as 6 responderam que sim, porém apenas duas apresentaram mais de um modelo de instrumento, como mostra a tabela a seguir.

Tabela 2: disponibilidade de modelos de violão elétrico para canhotos.

Quantidade de modelos de violão elétrico para canhoto que cada loja vende	
Loja 1	1
Loja 2	1
Loja 3	1
Loja 4	1
Loja 5	6
Loja 6	4

Com base na tabela 2, é possível reforçar a ideia apresentada anteriormente nesse trabalho de que a escassez de instrumentos ergonomicamente projetados para canhotos apresenta-se como uma possível causa determinante para estudantes canhotos de violão serem induzidos a tocarem como destros.

Com relação aos valores dos instrumentos, na maioria das lojas, existe diferença de preço entre os violões de destro e os de canhoto, mesmo quando de uma mesma marca e modelo. Apenas na primeira loja o valor de ambos era o mesmo; nas demais, o instrumento para canhoto era mais caro, chegando a uma diferença de até 10% (dez por cento). As lojas 3 e 4 não tinham o mesmo modelo do violão de canhoto para violonistas destro, como mostra a tabela a seguir.

Tabela 3: comparativo de valores dos mesmos violões para destros e canhotos.

Comparativo de valores dos mesmos modelos de violão elétrico				
	Canhoto		Destro	
Loja 1	R\$	899,00	R\$	899,00
Loja 2	R\$	1.079,00	R\$	1.019,00
Loja 3	R\$	1.143,00		-
Loja 4	R\$	2.260,00		-
Loja 5	R\$	709,00	R\$	659,00
	R\$	729,00	R\$	659,00
	R\$	1.879,00	R\$	1.799,00
	R\$	2.099,00	R\$	2.019,00
	R\$	3.279,00	R\$	2.959,00
	R\$	1.019,00	R\$	989,00
Loja 6	R\$	749,00	R\$	659,00
	R\$	739,00	R\$	660,00
	R\$	675,00	R\$	549,00
	R\$	1.979,00	R\$	1.800,00

Já com relação à guitarra-elétrica, na tabela 4 verificamos que, das 6 lojas pesquisadas, 3 delas não vendiam guitarra para canhotos, isto é, metade das lojas não atendia ao público canhoto. A outra metade tinha um número reduzido de modelos diferentes de guitarra disponíveis. Esse é um dado significativo, pois exclui a possibilidade de escolha em relação à cor e o modelo do instrumento desejado.

Tabela 4: quantidade de guitarras para canhotos disponível em cada loja.

Quantidade de modelos de guitarra de canhoto que cada loja vende	
Loja 1	0
Loja 2	0
Loja 3	0
Loja 4	1
Loja 5	3
Loja 6	2

Na tabela 5 podemos observar a diferença de valor entre guitarras para destros e canhotos, podendo esta chegar a custar R\$625,00 a mais (aproximadamente 39% acima do valor do instrumento para destro).

Tabela 5: comparativo de valores dos mesmos modelos de guitarra para destros e canhotos.

Comparativo de valores dos mesmos modelos de guitarra		
	Canhoto	Destro
Loja 1	-	-
Loja 2	-	-
Loja 3	-	-
Loja 4	R\$ 4.200,00	R\$ 3.575,00
Loja 5	R\$ 929,00	R\$ 849,00
	R\$ 509,00	R\$ 479,00
	R\$ 1.689,00	R\$ 1.529,00
Loja 6	R\$ 1.098,00	R\$ 859,00
	R\$ 439,00	-

Quando perguntamos a respeito das diferenças de preços entre os violões acústicos⁷ para canhoto e os para destros, todos os lojistas responderam que não havia nenhum modelo para violonistas canhotos e que bastava comprar um modelo para destro e inverter as cordas. Na loja 3 o vendedor comunicou que só havia guitarra *normal* para vender, referindo-se ao instrumento de destro.

⁷ Consideramos um violão acústico como um instrumento não-eletrificado (sem captadores para amplificação do som).

CAPÍTULO III

PESQUISA COM ESTUDANTES DE VIOLÃO CANHOTOS

Entre os dias 11 a 13 de novembro de 2019 nós realizamos um questionário com alunos de música do Instituto Villa-Lobos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO. Ao todo 19 alunos canhotos responderam a um questionário com 11 perguntas, dentre elas 7 múltiplas escolhas e 4 discursivas abertas.

Nosso objetivo foi o de verificar as nossas hipóteses que permeiam o ensino do violão em um ambiente de formação de músicos e musicistas profissionais. Abaixo apresentaremos e analisaremos as respostas que nos foram enviadas.

3.1 Perguntas do questionário

A primeira pergunta do questionário visou desvelar como o músico ou a musicista canhota tocam o instrumento, e a partir daí analisarmos como o fator social pode influenciar nas suas escolhas.

Quando perguntados sobre a maneira como tocam o violão (figura 5) em um universo de 19 (dezenove) músicos respondentes, 78,9% (15 pessoas) dizem tocar violão ou guitarra como destro. Dentre essas 15 pessoas, 14 disseram que tocar como destro foi uma escolha *natural*, isto é, não houve interferência na preferência lateral, como mostra a (figura 6).

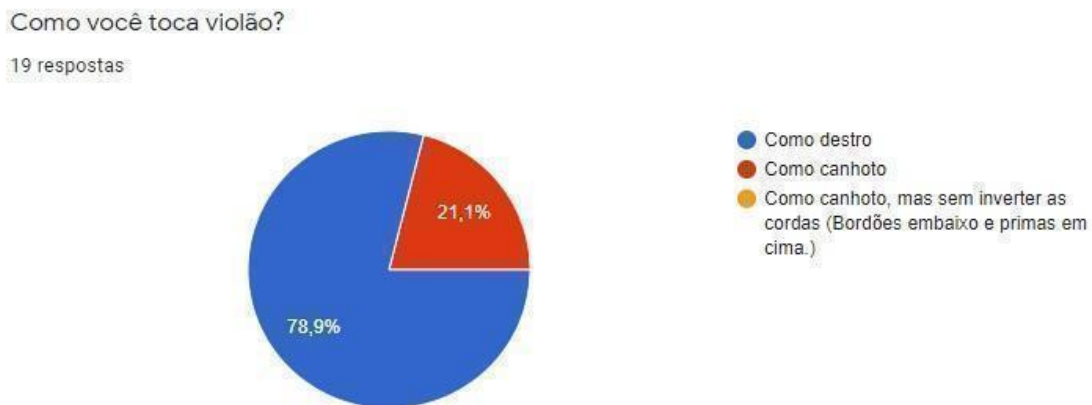


Figura 5: Pergunta 1: distribuição das respostas.

Tocar como destro foi natural ou sugestão de alguém?

19 respostas

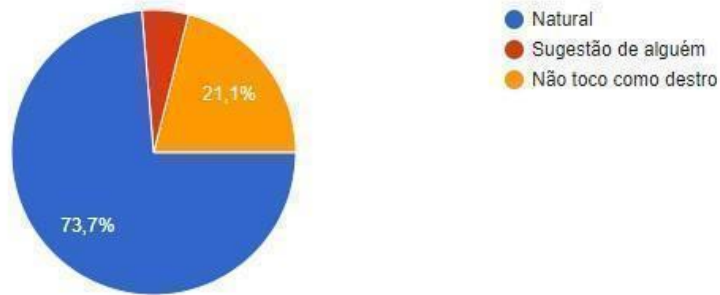


Figura 6: Pergunta 2: distribuição das respostas.

Esta escolha *natural* dialoga com o conceito de “violência simbólica” do sociólogo francês Pierre Bourdieu (2019) mencionado anteriormente. Por ser uma “violência” tão naturalizada, está presente nas sutilezas do nosso dia a dia: na linguagem excludente que coloca o canhoto como inábil e desajeitado, a menor referência de canhotos tocando como canhotos na grande mídia ou uma ida a uma loja de instrumentos musicais e encontrar pouca ou nenhuma oferta para canhotos.

Em relação à pergunta acima, notamos que essa “violência simbólica” advém possivelmente de um senso comum já discutido neste trabalho, que coloca a ergonomia destra como padrão para o aprendizado de um instrumento. Ao serem questionados se tiveram o auxílio de um professor, como mostra a figura a seguir, 89,5% (17 pessoas) disseram que sim. É um dado que ressalta nossa suspeita de que o professor ou a professora podem influenciar a maneira como o aluno posiciona o instrumento já que para muitos não foi dada a opção de tocar como canhoto.

Teve auxílio de algum professor ou parente quando começou a aprender violão ou aprendeu sozinho?

19 respostas

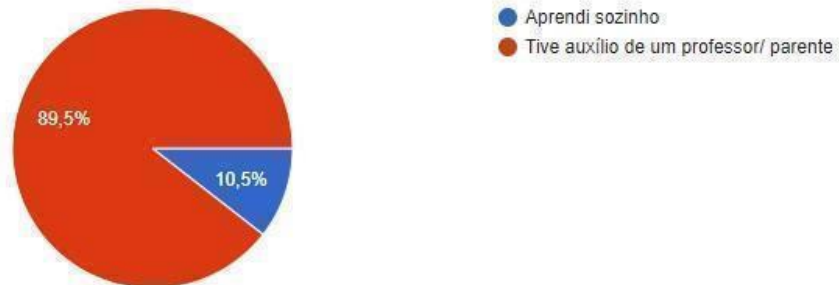


Figura 7: Pergunta 3: distribuição das respostas.

Quando questionados se o fato de serem canhotos foi levado em consideração por seus professores de instrumento, como visto na figura a seguir, 10 respondentes (52,6%) disseram que não. Isto é, não lhes foi dada a opção de tocarem como canhotos, respeitando a lateralidade corporal. Este dado indica possivelmente uma ausência de preocupação por parte dos profissionais de ensino de música com relação à lateralidade do aluno. Além disso, 78,9% (15 pessoas) nunca tiveram aulas com professores canhotos (figura 9) o que reafirma a ideia de “violência simbólica”, já que não tiveram referências próximas que contribuíssem para um maior respeito à lateralidade.

Se teve professor, o fato de ser canhoto foi levado em consideração?

19 respostas

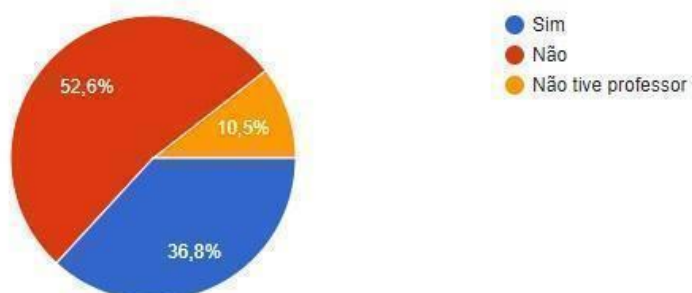


Figura 8: Pergunta 4: distribuição das respostas.

Já teve algum professor de violão canhoto?

19 respostas

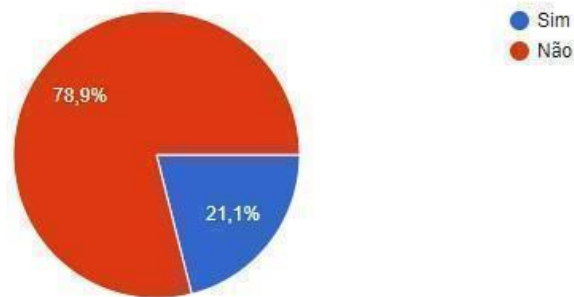


Figura 9: Pergunta 5: distribuição das respostas.

Quando questionados sobre as possíveis dificuldades enfrentadas no início do aprendizado do instrumento, 47,4% (9 pessoas) indicaram que não tiveram dificuldades; 21,1% (4 pessoas) tiveram dificuldades com o uso da mão direita, ou seja, ao aprenderem a tocar o instrumento como destros encontraram maiores dificuldades em técnicas de palhetadas, dedilhados e/ou no aprendizado rítmico. Por outro lado, 31,6% (6 pessoas) relataram que encontraram mais obstáculos com a mão esquerda, mão responsável por escalas, acordes e arpejos, como mostra a figura abaixo.

No início do aprendizado de violão, sentiu mais dificuldade com a mão esquerda ou direita?

19 respostas

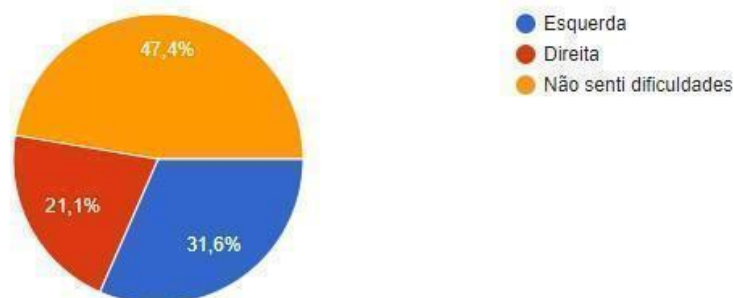


Figura 10: Pergunta 6: distribuição das respostas.

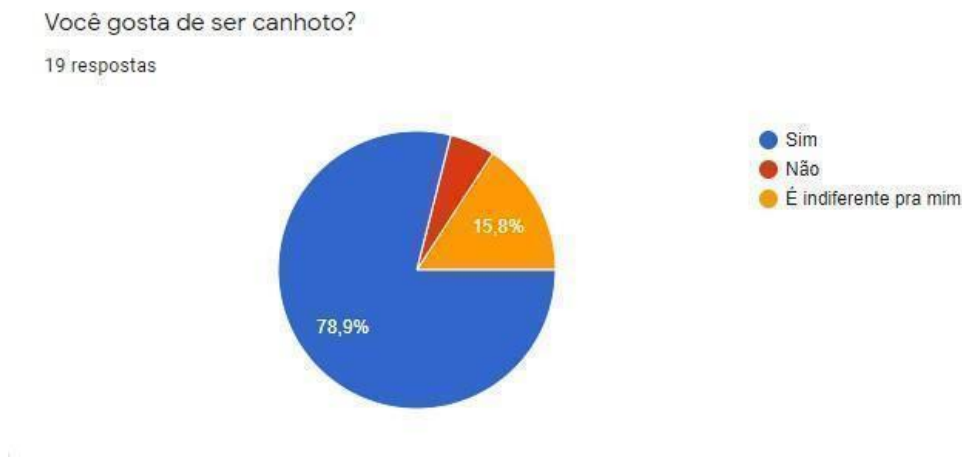


Figura 11: Pergunta 7: distribuição das respostas.

Nas respostas às perguntas discursivas (encontradas no anexo 1), complementares às múltiplas escolhas, grande parte desses estudantes relatou ter como maior empecilho a escassez de instrumentos para canhotos, seguido do desenvolvimento de técnicas como palhetada alternada e levadas rítmicas. Todos os 19 respondentes afirmaram não conhecerem métodos de ensino de violão voltado para o público canhoto. Desses 19, um deles afirmou que não vê nenhuma necessidade para a criação de um método específico para canhoto.

Apesar de todas as dificuldades, a maioria afirma gostar de ser canhoto (figura 11), entretanto das 4 pessoas que responderam que tocam respeitando a lateralidade corporal, apenas um entrevistado afirmou sentir preconceito por não tocar como destro. Um dos entrevistados respondeu que não vê como preconceito a estranheza por parte de outros músicos quando o veem tocando como canhoto.

Essas afirmações mais uma vez reforçam o conceito de “violência simbólica”, já que apesar de todos terem relatado dificuldades para comprar instrumentos específicos para suas necessidades ou não terem encontrado um método específico para violão, apenas um deles relatou sentir preconceito por tocar como canhoto. Quando um dos entrevistados afirma que não vê como preconceito a estranheza de pessoas com relação à sua maneira de tocar, ele está, talvez sem perceber, fortalecendo a ideia de que o *natural* é tocar como destro. Só estranhamos o que está fora do comum e certas estranhezas podem se transformar em exclusão.

Excluir é uma forma de violência: É negar a existência das diversidades. Concordamos que não seja necessário um método exclusivo de violão para canhotos, mas propomos um novo olhar sobre a importância de uma reformulação nos livros e métodos de ensino do instrumento, visando inserir a nomenclatura dos dedos das mãos, diagrama de formação de acordes, tablaturas com escalas e arpejos voltados para canhotos, uma vez que a fase inicial de

aprendizado do instrumento pode ser a mais delicada e propensa às interpretações equivocadas. Propomos também uma maior consideração por parte dos professores no que se refere à lateralidade de cada indivíduo no início do aprendizado, incentivando assim às diversas maneiras de conduzir o instrumento até acharem possivelmente a forma mais confortável de segurar o instrumento, tanto para destros quanto para canhotos, além da disponibilidade de instrumentos para canhotos em cursos, escolas e lojas musicais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho apresentamos um estudo preliminar a respeito das dificuldades de ensino e aprendizagem de violonistas canhotos e algumas das razões implicadas. Baseamo-nos na bibliografia selecionada, ainda bastante escassa, na pesquisa de campo e no questionário enviado a alunos do Instituto Villa-Lobos da Unirio.

A partir dos dados aqui fornecidos, percebemos que a falta de preocupação com questões da lateralidade dos alunos, sejam estudantes de música ou de outras áreas, é uma regra geral nas escolas, centros de ensino em todos os níveis, do fundamental ao superior; que a violência simbólica exerce forte pressão na produção de um padrão tido por *natural* e como isso influencia nas escolhas (ou falta delas) dos alunos. Reforçamos então a nossa hipótese que aponta para a importância de estudos que visem contribuir para diminuir esta lacuna.

Pelas respostas apresentadas neste trabalho, conclui-se que é preciso um olhar mais atento à lateralidade do aluno, visando cada vez mais adequar os métodos de ensino à realidade de cada um, objetivando um processo de aprendizado mais eficaz. Entender e investigar os obstáculos e possíveis dificuldades inerentes à despreocupação relacionada à lateralidade por parte dos docentes, pode contribuir para estratégias educacionais que viabilizem uma abordagem mais inclusiva e socialmente mais equilibrada.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Stefanne Emily Sousa. *Sufixos -ismo e -(i)dade: semântica e produtividade*. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português). Pró-reitora de Graduação, Universidade Católica de Brasília. Disponível em <<https://repositorio.ucb.br:9443/jspui/bitstream/10869/1542/1/Stefanne%20Emily%20Sousa%20Araujo.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2021.
- BOLSANELLO, Maria Augusta. Darwinismo social, eugenia e racismo “científico”: sua repercussão na sociedade e na educação brasileiras. *Educar: revista da Editora da Universidade Federal do Paraná, Curitiba*, n. 12, p. 153-165, 1996. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/er/n12/n12a14.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2021.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019. p. 7-11.
- COSTA, Priscila Lambach Ferreira da. *Ser diferente: dificuldades e superação de pessoas canhotas em diferentes gerações*. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/16142/1/Priscila%20Lambach%20Ferreira%20da%20Costa.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2021.
- FREITAS, Maicol Nunes Navarro; SALGADO, Juan Carlos Pereira. A lateralidade na música: influência da psicomotricidade no processo de ensino-aprendizagem do aluno canhoto de violão. In: NAS NUUVENS... CONGRESSO DE MÚSICA, 1., 2015, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 2015. Disponível em <<https://musica.ufmg.br/nasnuvens/wp-content/uploads/2020/11/2015-A-lateralidade-na-musica-influencia-da-psicomotricidade-no-processo-de-ensino-aprendizagem-do-aluno-canhoto-de-violao.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2021.
- GOMES, Cicele Gravito de Carvalho; HORSKI, Jessica; REINHARDT, Júlia; PORTO, Marcelo Schiavon. Vida canhota no mundo destro: vistas aos seguintes objetos cadeira e tesoura. In: ENCONTRO LATINO AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO-UNIVAP, 10., São Paulo, 2010. *Anais...* São Paulo: UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA, 2010. Disponível em <http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2011/anais/arquivos/0114_0547_01.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2021.
- ILARI, Beatriz. A música e o cérebro: algumas implicações do neurodesenvolvimento para a educação musical. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 9, setembro, p. 7-16, 2003. Disponível em <http://abemeducacaomusical.com.br/revista_abem/ed9/revista9_artigo1.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2021.
- MIRANDA, Igor. Kiko Loureiro: por que ele toca guitarra de destro mesmo sendo canhoto. *Whiplash.net*. 17 dez. 2018. Disponível em <https://whiplash.net/materias/news_760/294296-kikoloureiro.html?fbclid=IwAR237-0uCrMVeXkrae-exC6H_PfEgHOBYGk-bjSvPCA2HMBiJYp_Vobs0K8>. Acesso em: 06 jan. 2021.
- NETO, Francisco Rosa; XAVIER, Regina Ferrazoli Camargo; SANTOS, Ana Paula Marília dos; AMARO, Kassandra Nunes; FLORÊNCIO, Rui; POETA, Lisiane Schilling. A lateralidade cruzada e o desempenho da leitura e escrita em escolares. *Rev. CEFAC*. Campinas, julho-agosto, p. 864-872, 2013. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/rcefac/v15n4/14.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2021.

RANGEL, Ingrid Ribeiro da Gama; SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de; NASCIMENTO, Eleonora Campos Teixeira e. Canhotos em terra de destros: as dificuldades escolares enfrentadas pelas pessoas que escrevem com a mão esquerda. *Nucleus: Revista Científica da Fundação Educacional de Ituverava, São Paulo*, v. 12, n.2, out. 2015. Disponível em <<https://core.ac.uk/download/pdf/268033459.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2021.

SERAFIN, Geni; PERES, Luís Sérgio; CORSEUIL, Herton Xavier. Lateralidade: conhecimentos básicos e fatores de dominância em escolares de 7 a 10 anos. *Caderno de Educação Física. Marechal Cândido Rondon*, v. 2, n. 1, novembro, p. 11-30, 2000. Disponível em <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/1833/1482>>. Acesso em: 23 jan. 2021.

ANEXOS

ANEXO A - Questionário nas lojas de instrumentos musicais

1. Há disponível violão acústico para canhoto? Se sim, quanto custa?
2. A loja possui algum violão elétrico para canhoto?
3. Quais os valores dos violões elétricos para canhoto?
4. A loja também possui esse mesmo modelo de violão elétrico para destro? Se sim, qual a diferença de preço entre os dois?
5. A loja possui alguma guitarra para canhoto?
6. Quais os preços das guitarras para canhoto?
7. A loja também possui esse mesmo modelo de guitarra para destro? Se sim, quanto custa?

ANEXO B – Questionário com alunos canhotos

CONHECE ALGUM MÉTODO DE VIOLÃO PARA CANHOTOS? SE SIM, QUAL?
Entrevistado 1: Não.
Entrevistado 2: Não conheço.
Entrevistado 3: Não.
Entrevistado 4: Desconheço.
Entrevistado 5: Não conheço.
Entrevistado 6: Não conheço.
Entrevistado 7: Não conheço. Sinceramente, não vejo qual seria a utilidade de um método "específico" para canhotos. Ao tocar violão, temos de desenvolver as habilidades de ambas as mãos; como cada um vai tocar depende mais de como as sinapses cerebrais estão sendo feitas do que propriamente de uma imposição - à exceção, claro, dos que supostamente deveriam ser canhotos mas foram forçados a virarem destros por "n" motivos.
Entrevistado 8: Não.
Entrevistado 9: Não.
Entrevistado 10: Não conheço.
Entrevistado 11: Não.

Entrevistado 12: Não.
Entrevistado 13: Não conheço.
Entrevistado 14: Não conheço nenhum.
Entrevistado 15: Não.
Entrevistado 16: Não.
Entrevistado 17: Não.
Entrevistado 18: Não.
Entrevistado 19: Não conheço. Sempre adaptei os métodos para minha realidade.

JÁ ENFRENTOU ALGUMA DIFICULDADE POR SER MÚSICO CANHOTO? SE SIM, QUAL?
Entrevistado 1: Sim. Velocidade de palhetada alternada, devido à mão direita não ter destreza tão fluente quanto a mão esquerda teria no lugar dela (sim, eu experimentei inverter o instrumento).
Entrevistado 2: Não, só "estranhamento" das pessoas mesmo.
Entrevistado 3: Não.
Entrevistado 4: Sim. Tive dificuldade de aprender a reger, pois os movimentos são direcionados a pessoas destros. Então, tive que espelhar os movimentos, ficando um pouco mais difícil.
Entrevistado 5: Não, nunca enfrentei.
Entrevistado 6: Na verdade eu sempre pensei como um benefício pensando pelo lado da mão esquerda trabalhar mais quando posicionada como "destro". O mesmo aconteceu comigo tocando violino. Na bateria que foi um pouco diferente pois comecei tocando como canhoto pela primeira vez invertendo tudo e meu professor mandou desfazer e aprender do modo tradicional no qual toco até hoje.
Entrevistado 7: Sim, de aprendizado. Apesar de ter desde cedo me sentido mais à vontade tocando em posição de destro, acho que a minha mão direita custou muito a ganhar coordenação e dar conta de fazer levadas rítmicas. Mais tarde tive um professor canhoto que chegou a me incentivar a inverter as cordas, mas preferi manter como destro porque já tocava assim há quase 3 anos.
Entrevistado 8: Falta de disponibilidade no mercado e acesso a instrumentos próprios para canhotos até mesmo dentro de instituições de ensino, como aluno e como professor, cheias de violões destros para uso dos alunos e nenhum para canhoto. Praticamente anula as

possibilidades de canja se você não levar o seu instrumento ou mesmo numa roda de violão, a não ser que você aprenda a tocar também sem inverter as cordas de um instrumento destro.

Entrevistado 9: Não que eu me lembre.

Entrevistado 10: Várias. Poucos modelos de guitarra e violão no mercado. Não poder dar canja porque não levei meu instrumento. Em show, instrumento dar problema e não ter quem possa emprestar outro instrumento para ajudar, dificuldade em interpretar diagrama de acordes.

Entrevistado 11: Não (mas toco como destro).

Entrevistado 12: Não. Já tive de experimentar com alguns instrumentos, como pandeiro e tamborim, com que mão eu iria segurar o instrumento. Invariavelmente, sempre que preciso de um apoio firme, será com a mão esquerda (pandeiro, tantan, baqueta do tamborim, do surdo). Visualizar o teclado e tocar piano também me ajudaram a pensar na forma de usar cada uma das mãos. No piano, ao menos no início, na maioria das vezes o acompanhamento está na mão esquerda e o solo na mão direita. Daí, acho que sempre olhei para os demais instrumentos da mesma forma.

Entrevistado 13: A maior dificuldade é adquirir instrumentos.

Entrevistado 14: Não, por tocar como destro.

Entrevistado 15: Não.

Entrevistado 16: Toco percussão como canhoto. Traz vantagens se estou de frente para o aluno ou professor. Dificuldades quando estou ao lado.

Entrevistado 17: Não.

Entrevistado 18: Não.

Entrevistado 19: Sim. Algumas. A primeira é na hora de comprar instrumentos elétricos. Sempre dava problemas com a captação. Difícil encontrar no mercado instrumentos para canhoto, e quando se encontra são mais caros que os de destro, mesmo sendo modelos iguais. Segunda: difícil dar canja nos shows dos amigos...rs Terceira: Alguns professores não conseguiam me ensinar por ser canhoto. Muita coisa aprendi sozinho. Comecei tocando com o violão ao contrário, sem inverter as cordas. Era tranquilo até conhecer a bossa e o choro. rs

JÁ SOFREU ALGUM PRECONCEITO OU OUVIU ALGUMA PIADA DESNECESSÁRIA POR SER MÚSICO CANHOTO? SE SIM, QUAL?

Entrevistado 1: Não.

Entrevistado 1: Não.
Entrevistado 2: Não.
Entrevistado 3: Muito pelo contrário, sempre havia alguém para expor a tão famigerada máxima popular: "Dizem que com canhoto não tem meio termo...". E concluíam: "Você certamente faz parte dos que tocam muitíssimo bem!"
Entrevistado 4: Não considero o estranhamento e surpresa das pessoas preconceito.
Entrevistado 5: Não, nunca sofri algum preconceito ou ouvi alguma piada.
Entrevistado 6: Não, mas também nunca demonstrei que era canhoto por tocar tudo como destro.
Entrevistado 7: Preconceito se sofri, não percebi, mas piadas desnecessárias sim, mas nada que chegasse a me incomodar.
Entrevistado 8: Não.
Entrevistado 9: No começo as pessoas achavam estranho ver uma canhota no palco e sempre comentavam no final do show. É muito comum ouvir piadinha de que toco errado ou o violão está do lado errado.
Entrevistado 10: Não.
Entrevistado 11: Não que eu me lembre. Se tivesse ouvido, a resposta estaria na ponta da língua: os canhotos são mais inteligentes e somos apenas 10% da população mundial...hehehehe.
Entrevistado 12: Não. As pessoas não sabem que nasci canhota.
Entrevistado 13: Não.
Entrevistado 14: Não.
Entrevistado 15: Não.
Entrevistado 16: Não.
Entrevistado 17: Não.
Entrevistado 18: Não.
Entrevistado 19: Sim. No contexto do samba. Toco cavaquinho também, e nas rodas cheguei a ouvir: "é branco, gosta de samba, e ainda por cima é canhoto. Esse tá lascado!" rs. Sempre levei na boa.

VOCÊ ACHA QUE TERIA ALGUMA DIFERENÇA SATISFATÓRIA SE TOCASSE COMO CANHOTO?
Entrevistado 1: Não.

Entrevistado 2: Com certeza! Eu conseguiria executar as notas abafadas, utilizando somente palhetada para baixo, igual ao James Hetfield, a palhetada alternada do Randy Roads, as bases do Kerry King... Mas Oxalá sabe o que faz, né? Eu amo ser canhoto e jamais abriria mão disso.

Entrevistado 3: Sinceramente, não.

Entrevistado 4: Não sei responder.

Entrevistado 5: Não sei dizer.

Entrevistado 6: Acho que não, talvez até o contrário.

Entrevistado 7: Talvez, não tenho certeza.

Entrevistado 8: Eu sou destro e toco como canhoto, porém, aqui deixo meu relato, comecei a botar o instrumento no colo intuitivamente como canhoto aos 8 anos de idade, sem saber para qual lado era certo ou errado. aos 12 me surgiu o chamado pela música, então, no dia em que fui comprar meu primeiro instrumento pedi uma guitarra que fosse cor preta com um escudo branco, só tinha uma com essas especificações naquele modelo barato, era uma guitarra de canhoto, levei pra casa e comecei a fazer os meus primeiros 1234 no instrumento e minha mãe viu que ele estava como canhoto, minha mãe me disse que o instrumento estava errado e que eu não iria aprender, que eu fosse pra loja e trocasse e eu disse que não queria trocar, ela disse que era apego ao instrumento, mas eu só disse que não era, e não era mesmo, na época pra mim, intuitivamente isso era pra mim o que fazia mais sentido porque minha mão com coordenação fina mais apurada seria a responsável por fazer as escalas, acordes, logo eu precisaria que a minha mão que digita fosse mais coordenada motoramente do que a mão esquerda que palhetaria, e na época do início eu não tinha muito critério além de levadas básicas de palheta e algumas palhetadas, só depois quando fui estudar violão que minha mão esquerda se desenvolveu sem maiores problemas e na verdade com proficiência, de forma que uma coisa que é "assinatura" da minha forma de tocar pela qual as pessoas me reconhecem são as levadas de violão que eu faço. derivadas de técnicas que aprendi com João de Aquino, primo de Baden Powell, que me contou que Baden era canhoto e tocava como destro.

Entrevistado 9: Não me lembro se fui cooptado na infância para escrever com a mão direita ou não, só sei que minha caligrafia não é das melhores e eu faço várias coisas com as duas mãos, já me sugeriam que eu seria ambidestro porem não sei realmente.

Entrevistado 10: Não, pelo contrário. Acho que enfrentaria muito mais dificuldades.

Entrevistado 11: Não sei.

Entrevistado 12: Espero que não.
Entrevistado 13: Acho que, no meu caso, seria até pior. Quando comecei, meu professor me orientou para que eu experimentasse das duas formas. Eu achei mais cômodo para mim tocar como destro porque a minha segurança maior na formação dos acordes e firmeza estavam e estão na mão esquerda; com isso, passei a pensar no instrumento sempre dizendo a mim mesmo que, no final das contas, eu tinha era de saber usar ambas as mãos, com diferentes propósitos. Eu sou canhoto, canhoto, mesmo, todos os objetos que exijam um mínimo de firmeza ou segurança eu seguro com a mão esquerda - chaves, raquetes de tênis, frescobol, pingue-pongue, pandeiro, a baqueta do tamborim, etc.
Entrevistado 14: Acho que não faz quase diferença.
Entrevistado 15: Não.
Entrevistado 16: Não.
Entrevistado 17: Eu acho que não.
Entrevistado 18: Não consigo imaginar.
Entrevistado 19: Eu toco como canhoto e sou muito satisfeito. O lado bom é pouquíssimas pessoas tocam no seu instrumento.